

FOLHAS D'HERA

ALFREDO ALVES

2.000

FOLHAS D'HERA

10

ALBERTO DE

CONSTITUCION

REPUBLICA DE

ARGENTINA



ALFREDO ALVES

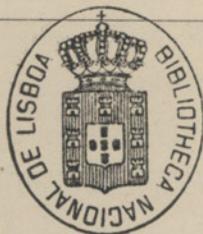
FOLHAS D'HERA

COM UM PREFACIO

DE

JOAQUIM DE ARAUJO

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA



PORTO

Typographia Elzeviriana

MDCCCLXXXVI



STREIA primorosa de um elegante poeta, que logo aos primeiros passos revela aptidões artisticas nada vulgares, *As Folhas de Hera* evidenciam por um modo, que já não deixa duvidas, os róseos clarões primeiros de uma dóce alvorada, rompendo de todo o ponto promettedora de um dia illuminado e consolador. Foi isto, pouco mais ou menos, o que eu disse ao sr. Alfredo Alves, quando respondi, pela posta-restante, á ingénua carta em que anonymamente, como numa pagina perfumada de romance, o moço poeta me enviava as suas pri-

meiras composições, solicitando com timidez, um voto, uma opinião, de resto muito e muito penhorante, na verdade, para o desambicioso escriptor que tinha de a formular. É isto que, de novo, lhe repito agora, depois de envidar quantos esforços a delicadeza me suggeriu, para evitar a inserção de algumas palavras, esboçadas ao correr da penna, neste sympathico livrinho.

*

Reli as *Folhas de Hera*, ha pouco, já depois de impresso o volume, que as compendia, e de par com os formosos contos da *Visão antiga* e da *Indiscrição*, puras télas de um parnasianismo meridional, encantaram-me—encantaram-me, é o termo—as pequenas molduras historicas, a que o sr. Alfredo Alves deu vida, em nitidos scenarios de tercettos. Encantaram-me, sem que todavia o *genero* me commova, siquer mediocrementemente. Mas é que nos quadros-miniaturas do sr. Alfredo Alves ha

traços, que dão por vezes a medida de uma firme compreensão do character de personagens, sobre os quaes a Historia imprimiu já o seu juizo inabalavel. O grito de D. João II, por exemplo, conhecese que vêm do fundo d'alma, despedaçada: *quer seu filho*, sófrego, á similhaça do Espectro, no *Dziady*, de Mickiewicz, quando pedia uma gôta de agoa. A imprecação do monge de Alcobaça, o sorriso de Richelieu, ao vêr assomar o vulto estremecido de Marion, teem, por igual, realidade e vida. Em regra, o genero é abundante em *trucs*, e é porisso que porventura tem sido menos viavel; falta-lhe, na maior parte dos casos, uma intensa nota humana, embora lhe sobrem qualidades exteriores de ornamentação fascinante. O sr. Alfredo Alves, porém, consegue dar vibração ás suas esmeradas composições, e essa qualidade advem-lhe exactamente da segura compreensão do character dos protogonistas, que escolheu. Sem isso faria apenas excellentes versos... e um pedaço de melodrama. Quanto pôde, evitou o escôlho. Não devemos, acaso, celebral-o?

Como specimen de requintada delicadeza de es-

tilo amoroso, floresce entre as *Folhas de Hera* o gracioso idílio, que o autor subordinou ao título singular — *A minha janella*. Com effeito, a melancolia morbida desse perfumado trecho casa-se a um dizer exquisito e vago, que lhe dá com precisão aquella nota estudada e simples a um tempo. Das poesias amorosas, que este livro encerra, a que apontamos é evidentemente a mais notavel. O parnasianismo colore-a; não a absorve, comtudo, por maneira alguma. Pois não é verdade que o fundo poetico resistiu reagindo, e que os passos meudinhos e doces da avesita recordam, ainda que vagamente, o modo quasi sempre tão triste do melancolico ironico do *Intermezzo lirico* e do *Livro de Lazaro*?

O estilo, sobrio umas vezes, outras atravessando sarças de epithetos, alguns mesmo que, á primeira vista, se contam por menos acceitaveis, tem todavia no sr. Alfredo Alves uma grande tendencia de simplicidade e de candura, e os seus conceitos delicias, a espaços, como um sorriso de mulher amada. Que o leitor procure, por exemplo, essa graciosa estatueta esboçada na *Oriental*, e, á parte ligeirissimos senões,

hade collocal-a decerto na galeria luminosamente balsamica do *Livre de Jade*. Não é porventura para registrar-se esse madrigal intimo da princeza, que sonha immersa na volupia dôce dos olhos do seu amado? Na verdade, que nos sentimos embalados pelo murmurio duma canção, soluçada ao longe, numa região remota e misteriosa, ondulante de silfos e de visões brancas; canção tão suave e tão dôce, como as lagrymas do Balder da mithologia scandinava, ao cahirem no regaço da mãe, que lhe affastava do pensamento a imagem sombria da morte, continuamente povoando os sonhos desse deus tão puro e tão bom, que *Ælenschlæger* tornou a principal figura de uma das suas esculpturaes tragédias celebres.

A que escola pertencem os versos do sr. Alfredo Alves? Se alguem m'o perguntasse, decerto que eu não saberia explical-o bem. É que, com effeito, mesmo dando a esse pavoroso vocabulo — *escôla*, a latitude, que hoje em dia se lhe attribue, é difficil assignalar com precisão ao autor das *Folhas de Hera* o seu verdadeiro logar. Nota-se que hesita em seguir um rumo; vê de face Coppée e Gonçalves Crespo,

avista no alto, coroado de estrellas, João de Deus, o grande Mestre, e as suas tendencias são disputadas entre a legião de poetas de Alphonse Lemerre e a influencia maravilhosa do maior poeta de amor, que as modernas edades alcançaram. Entre estas correntes, fluctua o sr. Alfredo Alves; mas no embate, no choque — deixem-me assim dizer — que ellas se dão dentro do espirito do moço escriptor, rebenta alguma coisa de seu-proprio, alguma coisa que não é difficil de encontrar, quer á simples vista dos menos curiosos, quer ainda ao exame dos mais consumados esmerilhadores.

Insistir neste ponto e accentuar as finas qualidades artisticas e os merecimentos na verdade incontradictaveis do autor das *Folhas de Hera*, é trabalho ocioso, a meu vêr; e, de resto, tempo é já, mais que de sobra, para o leitor travar conhecimento com um dos mais distinctos cavalleiros da ala-de-namorados, que constituem a novissima constellação poetica. O vivo desejo de quem estas linhas traça é que no animo do leitor amigo, — cuja competencia muito diverge da do *leitor pio* memoravel dos tempos

affastados,—fique profundamente radicada a mesma impressão, com que eu, ao fechar estas fugitivas considerações, agradeço ao sr. Alfredo Alves a cativante insistencia, amavel em demazia, de pretender associar o meu pobre nome á sua radiosa estreia litteraria.

Porto, agosto, 86.

JOAQUIM DE ARAUJO.

A MEU TIO

JOAQUIM DE OLIVEIRA GUIMARÃES

NAS suas mãos eu quiz depôr serenamente,
Como prova leal duma affeição sincera,
Uma joia preciosa em oiro reluzente,
Um quadro do valôr das telas de Ribera.

Eu quizera encontrar um bello cofre d'oiro,
Crivado de rubis, saphyras e turquezas,
Que fosse do gracioso e velho estylo moiro,
Com formato gentil e artisticas bellezas.

E no cofre lançar purissimos brilhantes,
Facetas de crystal, e pétalas de rosa,
Um cacho de lilaz, e gottas scintillantes
De pérolas do mar em chuva deliciosa.

Porém estas canções tão simples e banaes,
Depôr nas suas mãos eu venho respeitoso,
Querendo compensar desvellos paternaes
Do seu character nobre, honrado e generoso.

O PASSADO

Ao longo do salão de fulvas douraduras,
Campeiam pedestaes de brancas esculpturas.

Vêem-se na parede espelhos deslumbrantes,
Reflectindo o fulgôr das pratas scintillantes.

Cadeiras de espaldar de artisticos lavôres,
Pinturas de valôr, formosos contadôres.

Em columnas gentís, graciosas, rendilhadas,
Destacam-se jarrões de louças variegadas.

Da espaçosa janella ao parque sobranceira,
Nos antigos florões vegeta uma roseira.

No faustoso salão mal eu havia entrado,
Dominou-me o perdido, esplendido passado.

E julguei vêr surgir, suave, nesse instante,
Uma branca visão dum tempo já distante.

Fidalgas virginaes, esbeltas, polvilhadas,
Escutavam sorrindo as fallas namoradas

De fidalgos gentís e nobres conselheiros,
Com jovial humôr nos rostos prazenteiros.

Deslumbrava o primôr das vestes roçagantes,
E o notavel fulgôr dos rutilos brilhantes.

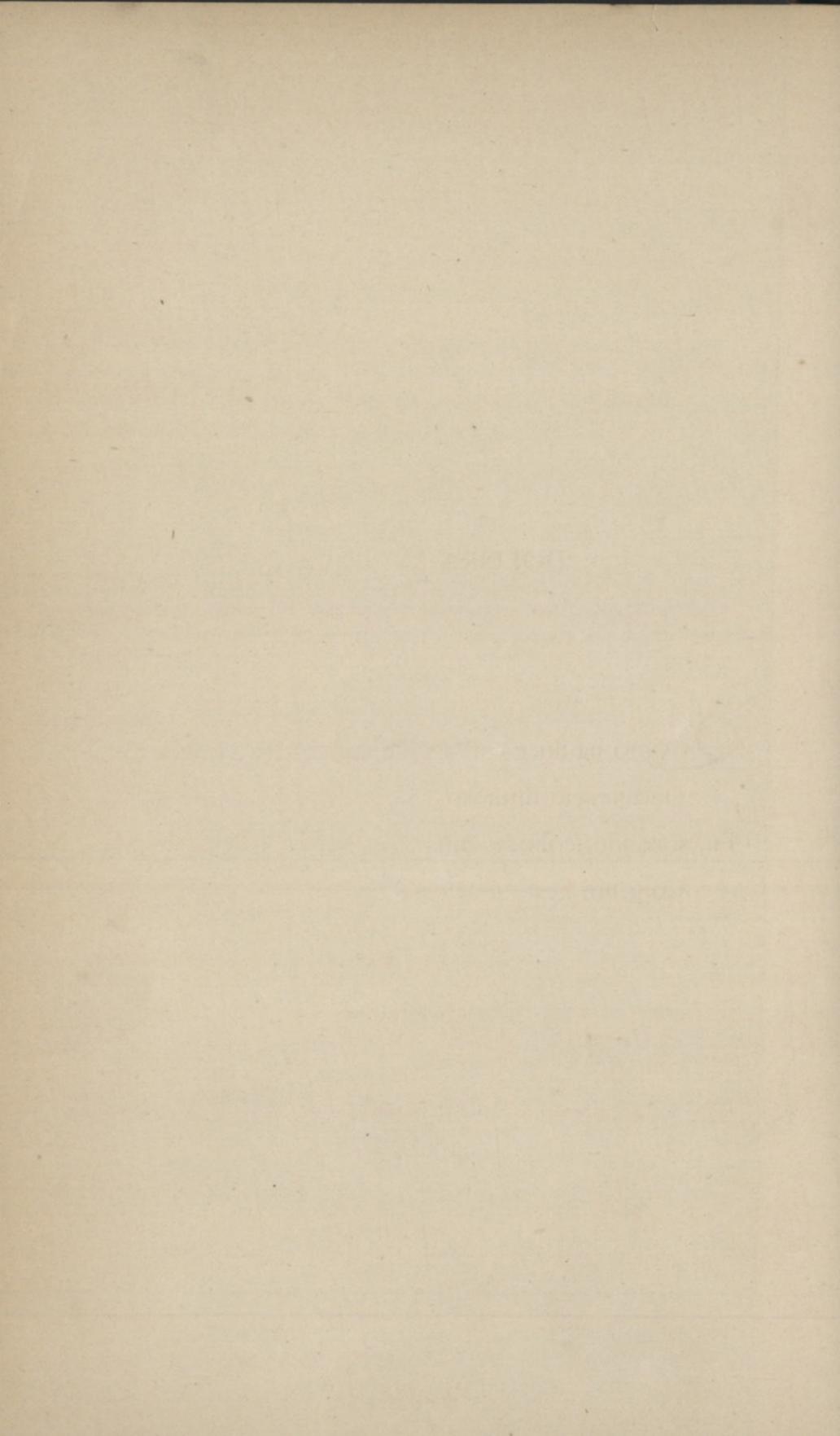
Encostei-me á janella e no parque florido,
Como que ouvi soar um canto dolorido.

Dominava-me todo a dúcida illusão,
Palpitava-me ancioso o vasto coração.

No silencio da sala, então, distinctamente,
Um grave som ouvi, merencorio e plangente.

Dum bello contadôr no marmore de rosa,
Um relógio soltára a nota vagarosa.

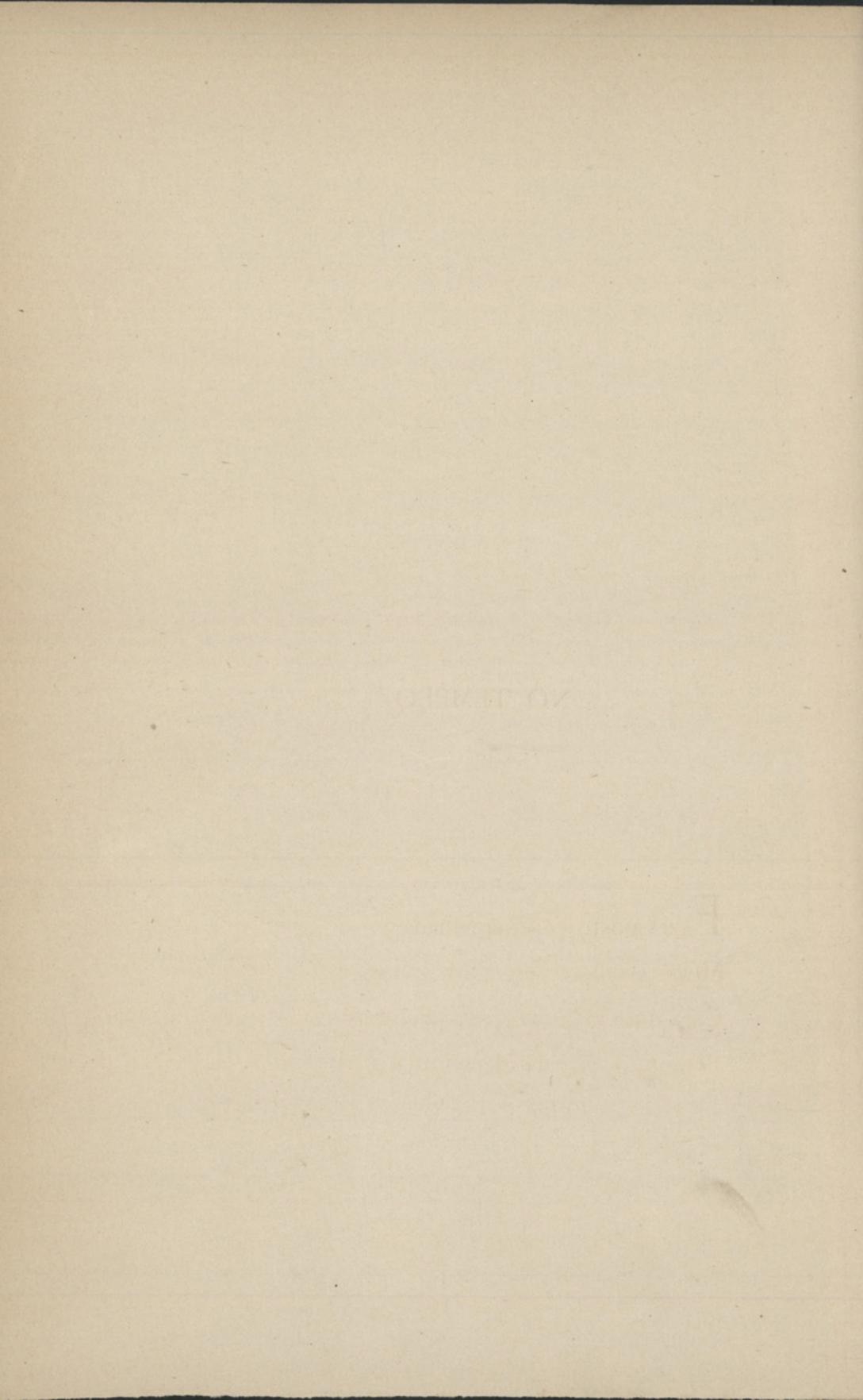
E eu julguei que este som dolente e requebrado,
Conduzia até mim a sombra do passado.



DOLORA

QUANDO na dôce curva voluptuosa
Do teu seio mimoso,
Tu, sorrindo, collocas uma rosa,
Com um gesto gracioso.

Eu creio que essa flôr encantadôra,
Tão fresca e perfumada,
Inveja a tua face côr da aurora,
Ó minha dôce amada!



NO TEMPLO

FAZIA gosto vel-a ajoelhada,
Meio cerrado o seu olhar divino.
Curvando o meigo rosto alabastrino,
Perante o altar da Mãe Immaculada.

Tinha o frescôr da rosea madrugada,
E um brilho levemente purpurino,
O seu rosto gentil e peregrino,
Duma lactea brancura delicada.

De seus labios na curva côr de rosa,
Adejava de manso, suspirosa,
A santa prece angelical e pura.

E a Mãe do Christo, vendo um tal encanto,
O seu olhar sereno, casto e santo,
Nella fitava cheia de ternura.

INTERMEZZO

QUANDO contemplo as pétalas nevadas
Duma virginea rosa,
Que as descerra, gentis e perfumadas,
Do sol á luz radiosa.

Não vejo n'essas pétalas brilhantes,
A sombra do fulgôr,
Das tuas brancas faces deslumbrantes,
Meu dôce e casto amôr!

VISÃO ANTIGA

A MINHA MÃE

É NUM salão. Ao longo das arcadas,
De finissimas curvas rendilhadas,
Admiram-se pendentés,
Alguns antigos quadros carcomidos,
Representando vultos esquecidos
De nobres ascendentes.

Aqui, em dura posição, severa,
Elevando' bem alto a fronte austera,

Vê-se um velho guerreiro.

Mais além, outro, joven, valoroso,

É, junto dum altar todo radioso,

Armado cavalleiro.

Um bello pagem louro e namorado,

Travêso, menestrel, apaixonado,

Dirige o seu olhar

Para a face gentil e deliciosa,

Da castellan romantica e formosa,

Do vetusto solar.

Um Arcebispo, ancião encanecido,
Com semblante rugoso e dolorido,
De báculo na mão,
Parece inda escutar, extasiado,
O soluçar dolente e requebrado,
Duma velha canção.

Naquelle quadro avulta em traço fino,
Um luminoso rosto peregrino
De gentil açafata,
Com flôres no bellissimo toucado,
E um sorriso subtil, enamorado,
Nos labios de escarlata.

Ah! que frescôr, mimoso e deslumbrante,
Mostra o formoso e pallido semblante
 Daquella fidalguinha!
Ella sorri, em doce e meigo enleio,
Collocando um jasmim no branco seio,
 Com trémula mãosinha.

Quem lhe daria flôr tão perfumada,
Que na bocca lhe poz, illuminada,
 Uma expressão tão bella?
Foi esse gentil-homem sorridente,
Que defronte contempla, moço e ardente,
 O rosto da donzella?

Eu entrara, de manso, no salão,
Um dia, em que meu pobre coração
Parecia chorar,
E julguei distinguir, extasiado,
Um minuête, grave e compassado,
Dos tempos de Mozart.

O canto parecia espreguiçar-se,
Crescer, vibrar festivo e dissipar-se,
Em requiebro subtís.
Cantavam as fidalgas namoradas,
E os menestreis de gorras emplumadas
Tangiam arrabís.

Era um canto dulcissimo, radiante,
Duma rubra harmonia deslumbrante,
Alegre e triumphal;
Com a graça gentil e perfumada,
E a suave cadencia modulada,
Duma aria nupcial.

Então eu vi a fresca morgadinha,
No salão caminhar, bella, sósinha,
Sem de leve tremer;
E ao fidalgo de frente enamorada,
A sua mão, pequena e delicada,
Foi logo offerecer.

Elle accceitou-lhe a pequenina mão,
Levando-lha de encontro ao coração,
 Febril, extasiado;
E então vi o Arcebispo, nesse instante,
Lançar a tão gracioso par amante,
 A benção de noivado...

DESEJO

QUANDO eu te vejo, mimosa,
Serena, pura e gentil,
Tendo nos labios de rosa,
Um fresco riso infantil.

E em teu olhar palpitante
De castidade divina,
A pureza do diamante,
E a limpidez crystallina.

Eu logo—vê que loucura!
Escuta,—desejo então
Saber o mar de ternura,
Que banha o teu coração.

Mas não posso conhecê-lo,
Perturba-me tanto enleio...
Diga-mo o ramo singelo,
Que tu collocas no seio.

O LEQUE

A ALBERTO DE MACEDO

NUM rico contadôr de prata marchetado,
Com notavel lavôr, nas curvas primorosas,
Um lindo leque eu vi, do século passado,
De formato gentil e pinturas graciosas.

No centro caprichoso, em fina miniatura,
Um pintor desenhara um parque verdejante,
E nelle uma graciosa e loira formosura,
Surridente escutava o seu airoso amante.

Varetas de marfim de artisticos lavôres
Mostravam em subtis relevos delicados,
Uns Cupidinhos nús, maleficos amôres,
Apontando a sorrir, nas moitas embuscados.

Então julguei, ao vêr o leque rendilhado,
E cheio dum suave aroma de violeta,
Ouvir á Pompadour o riso requebrado,
E o doloroso pranto á loira Antonietta.

SAUDADE

COM que saudade me lembro,
Minha loira formosura!
Da respeitosa mesura,
Que tu me fizeste, flôr!

E nesse instante bem vi
Que uma nuvem côr de rosa,
Deu ao teu rosto, mimosa!
Um vivissimo rubôr.

EM CAMINHO DA INDIA

AO DR. HENRIQUE CARLOS DE MIRANDA

I

ERA uma noite bella e constellada
De formosas estrellas, rutilando
No brando azul da abobada sagrada.

II

Estendiam-se em flocos, espumando,
Além, na praia, as vagas alterosas,
Estranhas harmonias soluçando.

III

Seguiam mansamente, cautellosas,
Pelo dorso das vagas espumantes,
As naus de pandas vélas, vigorosas.

IV

Como se fossem limpidos brilhantes,
Espelhavam-se os raios luminosos,
Nas brancas superficies ondulantes.

V

Morriam pelo espaço écos saudosos,
De canções entoadas com fervôr,
Pelos velhos marujos vigorosos.

VI

Da branca lua ao magico fulgôr,
Camões recorda a sua antiga vida,
Tão cheia de sorrisos e de amôr.

VII

Com grande magua, intensa e dolorida,
Dirige pelo mar a vista anciosa,
Em busca da visão estremecida.

VIII

Como Venus surgindo, deliciosa,
Elle então julga vêr, extasiado,
Elevar-se da vaga rumorosa

IX

O vulto de Nathercia immaculado.

CANÇONETA

(VERSÃO DO HESPANHOL)

EBRO caudal e formoso
De mil ondinas crivado;
Brilhante prado relvoso,
Fresco arvoredado calado;
Pura corrente de prata,
Que beijas de manso a relva,

E vês que em ti se retrata
O verde escuro da selva;
Rica floresta copada,
Branca e finissima areia,
Por onde a minha adorada,
Languida e bella passeia;
Aves gentis e formosas,
Que ao romper da rosea aurora
Soltaes das boccas mimosas
A fresca canção sonora;
Dizei-me se a minha amada,
Essa tão loira creança,
De mim conserva lembrança.

D. SEBASTIÃO EM ALCOBAÇA

A JOAQUIM DE ARAUJO

I

No colossal mosteiro entrava a comitiva
Do Cavalleiro-Rey. As plumas alvejantes
Ondulavam de manso á aragem fugitiva.

II

Deslumbrava o primôr das armas scintillantes,
Dos rendados broqueis, das espóras de prata,
De longos espadins e fúlgidos brilhantes.

III

Primorosos gibões de nitida escarlata,
Recobriam o corpo aos nobres cavalleiros,
Por cujo rosto mésto a força se retrata.

IV

Cercado com amôr desses velhos guerreiros,
El-Rey caminha audaz, erecto e magestoso,
E saúda a sorrir os monges prazenteiros.

V

O templo do mosteiro era então silencioso.
Do sol a luz doirada entrava subtilmente,
Illuminando a fronte a um Christo angustioso.

VI

Porém El-Rey entrara e logo, mansamente
Uma doce harmonia estranha e suspirosa,
No órgão soluçou tristissima e plangente.

VII

Então elle curvou-se e, logo, respeitosa
A côrte se prostrou numa attitude santa,
Para o céo dirigindo a prece fervorosa.

VIII

D'El-Rey a um rude gesto a côrte se levanta,
E logo após seguindo, attenta e dedicada,
Pelo templo immortal heroica se adianta.

IX

Junto parou El-Rey da campa venerada
De Pedro, o justiceiro; e logo, de repente,
Arrogante soltou enorme gargalhada.

X

E ao morto Rey lançou, convulsivo e tremente,
Vivas imprecações; num louco desatino,
Ultraja e vitupéra e zomba cruelmente.

XI

Entretanto na cerca o cantico argentino,
Palpitante de amôr, das aves namoradas,
Juntava-se ao rumôr do arroio crystallino.

XII

Mal terminara El-Rey as fallas irritadas,
Que ao morto dirigira, implacavel e féro,
O silencio reinou ao longo das arcadas.

XIII

De subito, porem, um velho monge austero,
Dirigindo-se ao Rey, sereno e magestoso,
Estas palavras diz, em tom duro e severo:

XIV

—Principe, sois cruel! é feito vergonhoso,
Dizer palavras taes ás cinzas veneradas
Dum grande justiceiro, amante e glorioso.

XV

Farieis bem, Senhor, em seguir-lhe as pisadas,
Imitar-lhe o saber de austero governante,
Querido ás multidões por elle governadas.

XVI

Mas se não lastimais a perda lancinante,
Que ao morto torturou o forte coração,
Ao menos respeitai o látego possante

XVII

Que tanta e tanta vez lhe fulgurou na mão!—

A MINHA JANELLA

EU tenho em minha casa uma janella,
Graciosa como um sonho de donzella.

Em curvas deliciosas,

A pallida glycinia

Ali mostra os seus cachos perfumados,

Mimosos, odorantes, delicados,

De bella côr virginea,

Entre verdes festões de folhas d'hera.

Quando nasce sorrindo a Primavera,
As rosas purpurinas,
Começam de entreabrir
As taças virginaes.
Escutam-se dos melros luzidios,
— Alegres, triumphaes, —
Os limpidos, sonoros, assobios.
Pombas brancas arrulham com tristeza.
E, quando alguma de mansinho vem
Nas grades caminhar
Eu vejo, alegremente,
Eu vejo, e sinto bem,
Que ella não tem um passo tão dolente,
Tão manso e tão suave,
(A pequenina ave!)
Como Vossencia tem.

ORIENTAL

O SEU leque de plumas agitando,
A filha do Rajah, meia deitada,
Ouve o murmurio, soluçado e brando,
Da limpida corrente prateada.

Evola-se um aroma penetrante
Das caçoulas de prata reluzente,
E a princeza, de olhar febricitante,
Sonha, embebida num scismar dolente.

Cobre-lhe o corpo, airoso e musical,
Uma téla de seda côr de rosa,
E um sorriso, vermelho e sensual,
Adeja-lhe na bocca setinosa.

A corrente deriva soluçante.
Da filha do Rajah, extasiada,
Cruzava pela mente, nesse instante,
Uma ideia feliz e perfumada:

— «Quando se eleva, rubro, o sol radioso
Retrato-me gentil nas aguas puras,
Mas o vêr-me a um espelho tão formoso,
Não me cobre de limpidas venturas.

Só me invade a alegria delirante,
Quando vejo o meu rosto delicado,
Espelhar-se, risonho e deslumbrante,
Nos olhos negros do meu dôce amado . . . »

INTERMEZZO

QUANDO desponta a fresca e rosea aurora,
Vibrante, a cotovia
Solta ao vêr essa luz, que tanto adora,
Um canto de alegria.

Assim, prêsa da luz immaculada,
Que vem do teu olhar,
A minh'alma estremece, enamorada,
Num infinito ancisar.

O CARDEAL DE RICHELIEU

A MEU TIO J. B. DE MACEDO JUNIOR

—

I

A SALA é primorosa. Em flácida cadeira,
O grande Cardeal, sentou-se a meditar,
Curvando sobre o peito a fronte sobranceira.

II

Adorna-lhe o pescoço um fulgido collar,
E veste com primôr a tunica escarlata,
Em que o ouro deslumbra e as pérolas sem par.

III

O cabelo em anneis nos hombros se desata,
E emmoldura-lhe a fronte, altiva e desdenhosa,
Aonde um pensamento escuro se retrata.

IV

Sinistramente brilha a sua vista anciosa,
Suspenso o respirar, afflicto, hallucinado,
Gotteja-lhe em suor a larga fronte irosa.

V

Talvez que meditasse, inquieto, arrebatado,
Uma vingança atroz, ou a calúnia vil,
Lhe passasse, fugaz, no espirito enluctado.

VI

Subito elle se ergueu, e em posição gentil,
Encostou-se á janella, antiga e rendilhada,
Fitando o olhar no céo, então profundo anil.

VII

A sua dura vista, inquieta, hallucinada,
No espaço vagueou, mas logo, brandamente,
Com extranho fulgôr, fixou-se enamorada.

VIII

Um pallido sorriso os labios, de repente,
Com doçura arqueou ao féro potentado,
E soltou-se-lhe a voz, amavel e tremente...

IX

Pois vira de Marion o vulto delicado.

ESTANCIAS

QUANDO alta noite acordo no meu leito,
Lembrando-me o teu vulto delicioso,
Uma oração soluça no meu peito,
Desejando-te um sonho venturoso.

E o teu sonhar, então, meu anjo loiro,
Deslizará gentil e perfumado,
Á sombra das suaves azas d'oiro,
Do meu amôr, sereno, immaculado.

CONFIDENCIA

Io sono Beatrice...

DANTE.

HA no seu brando olhar, minha gentil senhora,
Uma doçura tal, que tanto me extasia,
Que julgo vêr surgir, suave, encantadôra,
A minha já remota e dúlcida alegria.

A sua bella face, um pouco desmaiada,
E que um leve rubôr tinge de côr de rosa,
Recorda-me uma flôr ingenua e perfumada,
Quando sobre ella incide a fulva luz radiosa.

No intimo, comparo o seu cabello loiro,
Tão bello, tão gentil, e que minh'alma adora,
A uma collecção de puros fios de oiro,
Banhados do clarão dulcissimo da aurora.

Nada eguala, senhora, a sua mão de neve,
Na dôce curvatura, encantadora e bella,
E eu julgo não achar pela existencia breve
Um rosto mais formoso e puro de donzella.

Tudo isso adoro em si, minha gentil senhora,
A belleza sem par e a dulcida candura;
Ah! mas exerce em mim acção dominadôra
O seu olhar radiante e cheio de ternura.

VELHINHA

A MINHA IRMÃ

ESSA curvada e tremula velhinha,
Que além se avista ao pé daquella nóra,
Já foi moça e feliz, porém, agora
A custo e mal seus passos encaminha.

Como mudada está de quando vinha
Aos domingos a missa ouvir outr'ora!
Ah! mas tudo passou, e a triste chora,
Vendo que a morte della se avisinha.

Perdidas as fagueiras illusões,
Que se aninham nos meigos corações,
Apenas ella de ventura aneia,

Quando a netinha — a sua primavera —
Nella se abraça, como a fresca hera
Se enrosca ao muro na vetusta aldeia...

ESTANCIAS

NAQUELLE dia sereno
Do formoso mez de Abril,
Em que o mais profundo anil
Coloria o firmamento,

Num balsêdo verdejante,
Um rouxinol namorado,
Soluçava, requebrado,
Um dôce e terno lamento.

Interrogando o motivo
De tanto chorar sem fim,
Comparei então a mim
O pobre desventurado.

Como o triste rouxinol,
Assim minh'alma chorava,
E saudosa, recordava
O teu cabello doirado.

NO BUSSACO

AO CONSELHEIRO JOSÉ RODRIGUES DE FARIA

ELE era um monge, trémulo e cansado.
Nos concavos do bosque rumoroso,
Habitava, sósinho e silencioso,
Em mysticos anceios enlevado.

Fora sempre de todos respeitado,
O seu viver austero e religioso;
Não lhe chegava o éco buliçoso,
Que vinha do longinquo povoado.

Embebido num aspero viver,
Nos seus labios senis, nunca adejava
O mais leve sorriso de prazer.

Uma expressão, porém, meiga e dorida,
Enchia o seu olhar, quando fitava
A triste Magdalena arrependida...

AS SAUDADES DE D. JOÃO II

A MINHA TIA

D. EMILIA C. O. DE MACEDO

—

I

Dos garbosos corceis da ardente Andaluzia,
O confuso trotar soava na calçada,
Que do paço real ás portas conduzia.

II

Lucilava no azul a fresca madrugada,
Desprendendo o suave orvalho lacrymoso
No seio virginal da flôr mais delicada.

III

Á frente do cortejo, altivo e pezaroso,
El-Rey montado vai, e cheio de destreza,
Os impetos soffreia a um alazão fogoso.

IV

Reinava pelo campo uma dôce tristeza,
Que se casava bem á lancinante dôr,
Que torturava então o eleito da Realeza.

V

O vergel, a seara, e o vasto prado em flôr,
O verde salgueiral e a fonte crystallina,
Pareciam soltar um cantico de amôr.

VI

E vendo aquella scena, augusta, matutina,
Conhece então El-Rey que a perennal bondade,
Lhe inunda a alma rude, energica e tigrina.

VII

Como que vê surgir o espectro da Saudade,
Erguer-se, manso e manso, á célica amplidão,
Onde eterna sorri a eterna Divindade.

VIII

E mostrar-lhe dahi — suavissima visão! —
O vulto de seu filho, o infante desditoso,
— A sua mais intensa e dúlcida affeição.

IX

Sentindo dentro de alma um vacuo doloroso,
Elle dirige o olhar, afflicto, hallucinado,
Ao longo do cortejo attento e respeitoso:

X

E julga, entre elle, vêr o filho idolatrado,
Moço, esbelto, gentil, soberbamente altivo,
Emergindo feliz da sombra do passado.

XI

Cahindo-lhe da fronte um suor afflicto,
E erguido com furôr na sella do cavallo,
Então bradou El-Rey tremente e convulsivo:

XII

—Quero meu filho aqui! depressa! ide buscal-o!—

TRISTEZA DE CASTELLAN

A EDUARDO SEQUEIRA

QUEM passasse no bosque perfumado,
Que circunda o castello derrocado,
Ao rompêr da manhan,
Veria passeiando, descuidosa,
Pelos pateos de marmore de rosa,
A loira castellan.

Já de ha muito que andava pensativa.
Cada vez se mostrava mais esquiva
 Nos luzidos saraus;
Caso novo! — pois ella sempre fôra,
Sentidissima, ardente inspiradôra,
 De trovas e solaus.

Não amava sequer o delicioso
Fallar, enamorado e respeitoso
 Dos fidalgos gentís,
Nem por noites saudosas de luar,
Gostava como outrora de escutar,
 O som dos arrabís.

Para ella os velludos deslumbrantes,

E as finissimas joias coruscantes,

Já não tinham valôr.

A alegre natureza era-lhe apenas,

Dôce conforto ás suas duras penas,

E o seu unico amôr.

Gostava de ao romper da madrugada,

Vêr a rosa ostentar-se perfumada,

Á fulva luz do dia,

E de escutar por entre os laranjaes,

As palpitantes notas joviaes

Da voz da cotovia.

Ninguem sabia a causa da tristeza
Da gentil, formosissima princeza,
 No vetusto solar.
Tão escusos passeios repetidos,
Tão intensos soluços reprimidos,
 Já davam que scismar.

Referiram-me um dia vagamente
Que a castellan votára amor fremente
 A um bello pagem loiro,
Que morrera, em anceios palpitante,
Uma vez que a beijava delirante,
 Nas longas tranças de oiro.

CHRISTO

AO DR. JOSÉ PEREIRA REIS

—
I

ENTREABRIAM-SE os lírios docemente
Nas viçosas campinas da Judeia,
Sob um azul purissimo e luzente.

II

Das aves a dolente melopeia
Juntava-se, subtil e requebrada,
Ao murmurar da fervida colmeia.

III

Á durissima gente transviada,
Suavissimo, ideal, o Redemptor
Ensinava a doutrina perfumada.

IV

Uma expressão dulcissima de amôr,
Brilhava sempre bella e crystallina,
No seu olhar dum limpido fulgôr.

V

Ao despontar da aurora purpurina,
Espelhava-se, vívida e luzente,
No seu rosto a suave unção divina.

VI

Como o sol recolhendo, mansamente,
As ultimas estrellas fulgurantes,
Assim ia Jesus, suavemente,

VII

Chamando a si as almas lucilantes,
E arrancando-as da tréva procellosa,
Para as tornar em limpidos brilhantes.

VIII

Desgrenhando-se, pallida e formosa,
A seus pés Magdalena, peccadôra,
Chorava a negra vida tormentosa.

IX

Uma turba gentil, encantadôra,
De creanças mimosas e rosadas
Procuravam-lhe a sombra protectôra.

X

Tinha o fulgôr das roseas madrugadas,
Um horisonte, ignoto e luminoso,
Lhe sahia das fallas inspiradas.

XI

Do seu Verbo ao influxo poderoso,
Era da vida o deslizar ameno,
E o futuro suave e descuidoso.

XII

Porem o meigo olhar do Nazareno,
No espaço vagueava, solitario,
Entrevendo, dulcissimo e sereno,

XIII

A noite soluçante do Calvario.

INDISCRICÃO

AO DR. ADRIANO DE PAIVA F. L. BRANDÃO

NUMA curva gentil e deliciosa,
Suspendem-se cortinas de setim
Da mais fina e suave côr de rosa,
No fôfo camarim.

Entre ramos de verdes trepadeiras,
E festões de viçosas folhas d'hera,
Desmaiam tristemente as derradeiras
Rosas da primavera.

Numa esbelta gaiola deslumbrante,
De exquisito e rarissimo lavôr,
Um canario murmúra lacrymante
Uns canticos de amôr.

Brilha no camarim distinctamente,
A mobilia igualmente côr de rosa:
Nella se esbate e cahe omnipotente
A alegre luz radiosa.

Adorna uma graciosa jardineira,
Um espelho de limpido crystal,
Tendo ao lado uma silva de rozeira,
De brancura ideal.

No brilhante tapete carmezim,
De raminhos escuros semeado,
Um pequeno sapato de setim,
Descança abandonado.

No meio dos correctos ornamentos,
Espalhados em rica profusão,
O sapato desperta pensamentos,
Que turbam a razão.

Mas o espelho da bella jardineira,
Um cristal puro! — jaz meio quebrado...
E o motivo de estar de tal maneira
Eu julgo tel-o achado.

Vou-lho dizer até; — queira escutar,
Seja Vossencia menos descuidosa,
Que, em muito poucos versos, vou contar
Uma historia curiosa:

— No roseo camarim engrinaldado,
Habitava uma loira formosura,
Em cujo olhar brilhava, apaixonado,
Um mundo de ternura.

Levantara-se um dia ao vir da aurora,
E sentindo-se timida e nervosa,
Ficara taciturna e scismadora,
Na sala deliciosa.

Pensamentos doridos e tristonhos,
Crusavam-lhe na mente angustiada,
Evolara-se a pomba dos seus sonhos,
Em doida revoada.

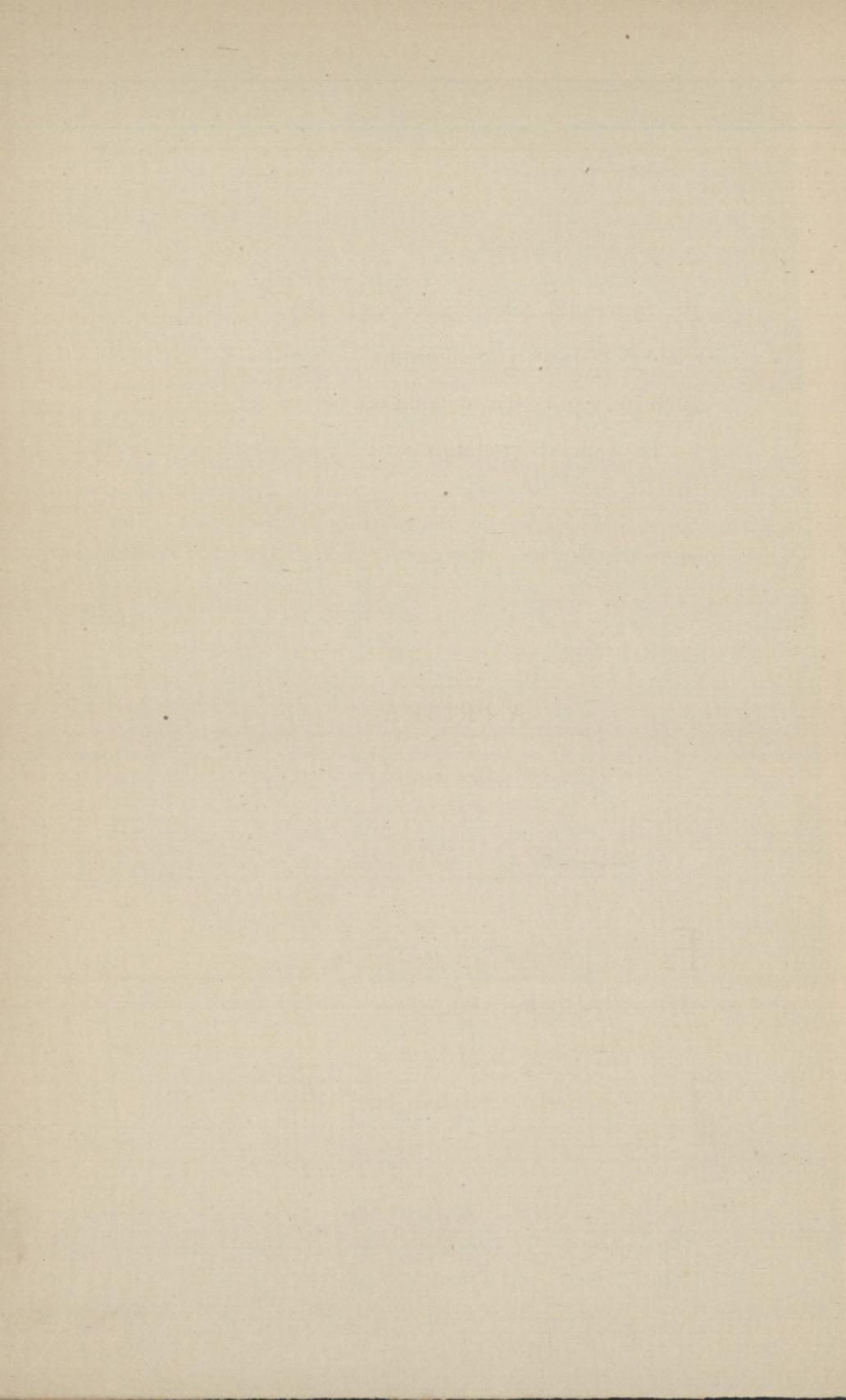
Envolvia-lhe o corpo setinoso,
Bellamente talhado com primôr,
De finissimas rendas, espumoso,
Um alvo penteadôr.

Um instante parou; e contemplando
No espelho o seu perfil, esbelto e loiro,
Affagava com meigo gesto brando,
As longas tranças de oiro.

Mas do meio da chuva deslumbrante,
Do cabello finissimo e doirado,
Destacou, de repente, scintillante,
Um fio prateado.

E a gentil, formosissima Duqueza,
Assim que esse cabello descobriu,
Tendo no seio a mais cruel tristeza,
Tão negra dôr sentiu,

Que tomando, colerica, nervosa,
O seu bello sapato pequenino,
Quebrou a pura lamina radiosa,
Do espelho cristallino... —



A FREIRA

A MEU IRMÃO

ESTAVA a Freira, pallida e formosa,
Nesse dia balsamico de abril,
Á gelosia, antiga e silenciosa,
Emmoldurando o candido perfil.

Envolviam-lhe o corpo delicioso
As vestes do seu místico noivado:
E no rosto um suave tom saudoso,
Dava-lhe um santo aspecto desmaiado.

Ella estendia o olhar febricitante,
Ao longo das campinas matisadas,
Quando um rubôr, finissimo e brilhante,
Lhe coloriu as faces delicadas:

Na poetica deveza, sobranceira
Ás aguas dum riacho fugitivo,
Um pastor e uma joven pegureira
Trocavam entre si um beijo esquivo...

CONSOLADORA

No templo eu penetrara tristemente,
Sentindo na minh'alma dolorida,
Em meigo soluçar, vago e dolente,
Uma dôce canção desconhecida.

Avistei-te bem perto ajoelhada,
Orando meigamente, scismadora,
Ó branca flôr do linho immaculada!
Ó visão luminosa e redemptora!

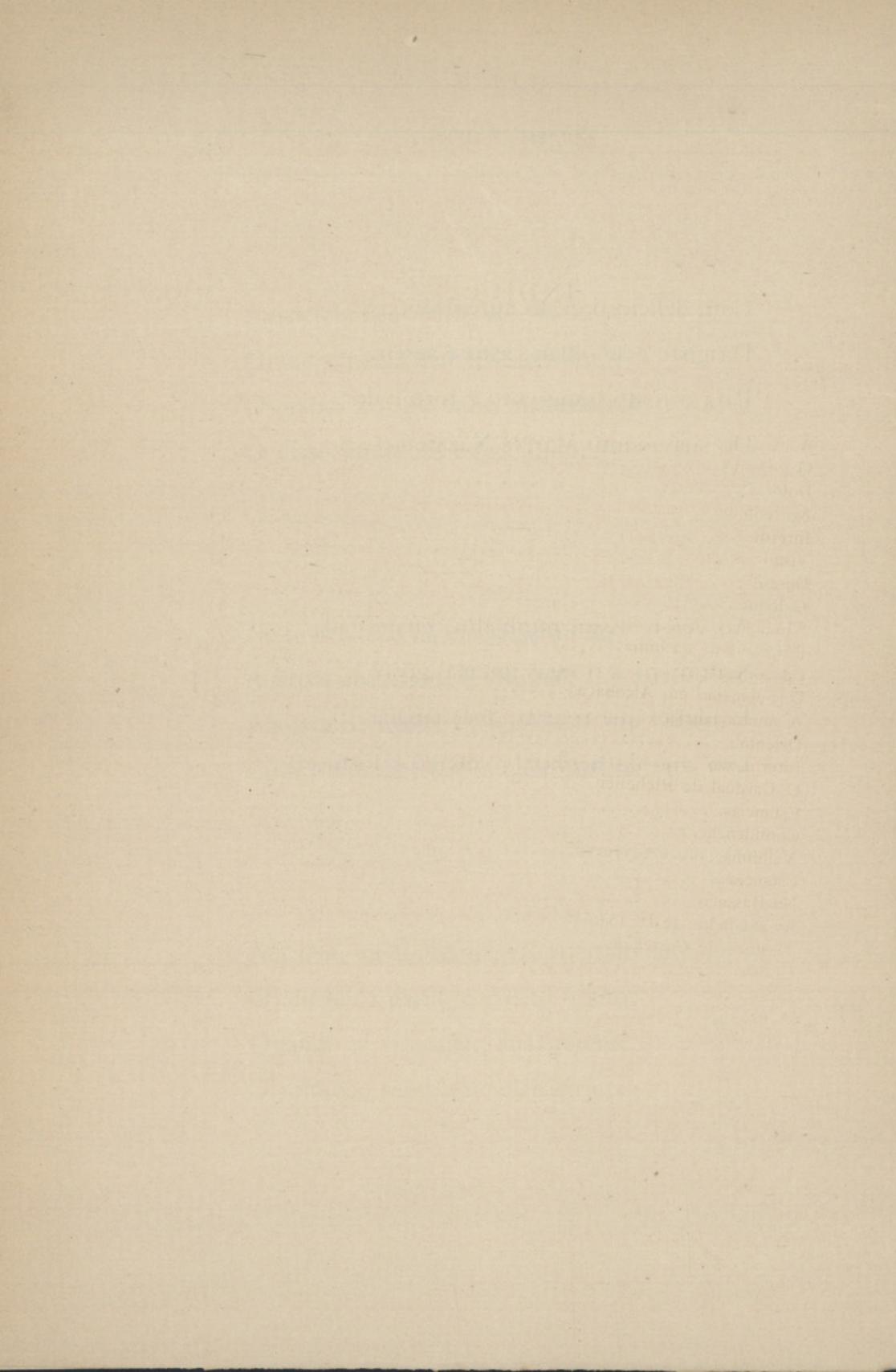
De teus labios na curva setinosa,
A prece abençoada e virginal,
Adejava de manso, suspirosa,
Como um sôpro de aragem matinal.

Ancioso, eu contemplava, attentamente,
O teu loiro perfil, correcto e fino,
Quando te vi erguer, suavemente,
O mimoso semblante alabastrino.

Com delicioso gesto auréolado,
Dirigiste esse olhar, casto e sereno,
Para o rosto, sangrento e torturado,
Do suavissimo Martyr Nazareno.

Ao vêr-te assim minh'alma enamorada,
Sentiu em si o mais intenso gôso,
E julguei que tu eras, dôce amada,
Um anjo do Senhor! — meigo e formoso.





INDICE

	Pag.
A meu tio.....	1
O passado.....	3
Dolora.....	9
No templo.....	11
Intermezzo.....	13
Visão antiga.....	15
Desejo.....	23
O leque.....	25
Saudade.....	27
Em caminho da India.....	29
Cançoneta.....	33
D. Sebastião em Alcobaça.....	35
A minha janella.....	43
Oriental.....	45
Intermezzo.....	49
O Cardeal de Richelieu.....	51
Estancias.....	55
Confidencia.....	57
Velhinha.....	61
Estancias.....	63
No Bussaco.....	65
As saudades de D. João II.....	67
Tristeza de Castellan.....	73
Christo.....	77
Indiscrição.....	83
A Freira.....	91
Consoladora.....	93

